

## CRER E CIVILIZAR: O PARANÁ POSITIVISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E SUAS INFLUÊNCIAS CRISTÃS

Fernanda Lorandi Lorenzetti\*

LORENZETTI, F. L.; Crer e civilizar: o Paraná positivista no início do século XX e suas influências cristãs. *Akrópolis*, 13(3): 149-156, jul./set., 2005.

**RESUMO:** Civilização, superioridade intelectual, evolução, determinismo físico e moral. Estas são questões bastante freqüentes em algumas obras paranaenses do começo do século XX, visivelmente influenciadas pelo pensamento comteano. Este ideal positivista, presente nos trabalhos de Davi Carneiro, Romário Martins, Manuel Carrão e Domingos Nascimento, representam um Paraná muitas vezes superior aos demais estados brasileiros. Vê-se inclusive a idealização da população paranaense, vista por estes autores como superiores, tanto no campo material, como intelectual e moral. Esta questão da moralização freqüentemente aparece ligada a uma concepção de religiosidade cristã, o que demonstra que estes autores ao mesmo tempo em que parecem seguir ideais positivistas articulam a estes, percepções cristãs da sociedade.

**PALAVRA-CHAVE:** Paraná, positivismo, discurso.

### BELIEVING AND CIVILIZING: THE POSITIVIST PARANÁ IN THE BEGINNING OF THE 20<sup>TH</sup> CENTURY AND ITS CHRISTIAN INFLUENCES

**ABSTRACT:** Civilization, intellectual superiority, evolution, physical and moral determinism. These are very frequent subjects in some Paraná's artist works from the beginning of the 20th century, clearly influenced by Comte's thought. This positivist idea, presented in Davi Carneiro, Romário Martins, Manuel Carrão and Domingos Nascimento works, represents a State (Paraná) many times superior than other Brazilian states. The idealization of Paraná's population is also seen, described by these authors as superiors, as much in the material field as in the intellectual and moral one. This moralization subject frequently appears linked to a Christian religiosity conception, what indicates that these authors seem to follow the positivist ideals and at the same time, they articulate at these Christian perceptions of the society.

**KEY WORDS:** Paraná, positivism, speech.

Este artigo tem o objetivo de analisar quatro obras de autores paranaenses que escreveram sobre o Estado do Paraná e as publicaram entre 1899 e 1944. Dentre este apanhado de fontes, encontra-se, por exemplo, *História do Paraná*<sup>1</sup>, escrita por Romário Martins em 1899, *História Psicológica do Paraná*<sup>2</sup>, obra que data de 1944, de autoria de Davi Carneiro, e também os relatos de viagens de Manuel Carrão, *Impressões de viagem à Foz do Iguassu e Rio Paraná*<sup>3</sup> e *Pela Fronteira*<sup>4</sup>, de Domingos Nascimento. Mais especificamente o que se pretende perceber neste conjunto de obras é como representantes de uma determinada historiografia de caráter essencialmente positivista escreviam a respeito do Paraná e dos paranaenses, salientando principalmente uma certa visão cristã de sociedade. Assim, a problemática central é verificar como se dava a ligação entre o positivismo, muitas vezes tido como anticlerical, e o cristianismo, com relação especificamente à estas quatro obras sobre o Paraná.

Um exemplo salutar desta situação encontra-se logo no início da obra de Davi Carneiro.<sup>5</sup> O autor salienta, nesta passagem, a necessidade da população paranaense conhecer sua história, seu passado e tradição. Para ele, era de muita importância esse autoconhecimento, principalmente em relação ao futuro e ao destino dos paranaenses. Assim, para o autor:

A presente série de estudos devia ter saído na imprensa de Curitiba, capital do Paraná, a cujos leitores especialmente era destinada, não só como verificação e experiências das observações realizadas, como especialmente para dar auto-conhecimento coletivo à população que, em sua grande maioria, não se conhece, ignorando-lhe o passado dos ancestrais e eles próprios, não tendo idéia portanto, nem mesmo com parcela política, das suas possibilidades e dos seus destinos.<sup>6</sup>

Pode-se perceber que a escrita de Davi Carneiro apresenta princípios bastante caros ao positivismo, como por exemplo, a verificação empírica da sociedade percebendo esta como um imenso laboratório a céu aberto. Esta

\*Graduada em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon-Pr

<sup>1</sup>MARTINS, Romário. *Historia do Paraná*. Curitiba : Travessa dos editores, 1995. Por não ter sido encontrada a referida obra publicada em 1899, utilizou-se para esta pesquisa a edição de 1995.

<sup>2</sup>CARNEIRO, Davi. *História Psicológica do Paraná*. Curitiba : Tipografia João Haupt, 1944.

<sup>3</sup>CARRAO, Manuel. *Impressões de viagem à Foz do Iguassu e Rio Paraná*. Curitiba : Faculdade de Medicina e Directoria de Saúde do Paraná, 1930. O autor, médico paranaense do início do século XX e então diretor da Diretoria de Saúde do Paraná, realizou em 1930 uma excursão ao interior do Estado, e, a partir das anotações sobre esta viagem escreveu a referida obra. A trajetória de Manuel Carrão teve início em Curitiba, e como destino Foz do Iguaçu, e objetivava descrever sobre uma série de doenças que estavam afetando a população iguaçuense, principalmente em relação à malária e à febre amarela.

<sup>4</sup>NASCIMENTO, Domingos. Curitiba : Typografia da República, 1903. O relato de Domingos Nascimento foi publicado em nome do Departamento de Agricultura em função das comemorações do 50º aniversário de emancipação política do Estado. Esta obra foi produzida a partir de uma viagem do autor pelo interior do Estado, mais especificamente entre Curitiba e Foz do Iguaçu.

<sup>5</sup>Segundo Diccassar Plaisant, editor da referida obra de Davi Carneiro, o historiador curitibano, procurou, através desta narrativa: "(...) estudar a evolução da nossa gente e acentuar as particularidades do paranaense, suas tendências e opiniões". PLAISSANT, Diccassar. "Nota do editor". In: CARNEIRO, Davi. op. cit. s/ pg.

<sup>6</sup>Idem, ibidem. s/ pg.

importância dada à observação pode ser inclusive observada em August Comte. Para o filósofo francês do século XIX, a sociedade seria regida por leis invariáveis, assim como nas ciências físicas. Foi a partir desta concepção que Comte criou a chamada “física social”, e esta: “(...) deve fundar-se num corpo de observações diretas que lhe seja próprio, atentando, como convém, para sua íntima relação necessária com a fisiologia propriamente dita.”<sup>7</sup>

E, são estas observações da sociedade que levaram Davi Carneiro a escrever sua obra, trazendo, segundo ele, luz aos paranaenses, instruindo-os através das letras, tornando-os conhecedores de si mesmos e, por conseguinte do seu destino de glórias. A ciência praticada por Davi Carneiro aparece desta forma como redentora da sociedade. Tendo em vista este forte apego às observações da sociedade, Davi Carneiro pretendia “mapear a alma paranaense”, ou seja, apontar as grandezas e também os defeitos do povo do Paraná. E a partir de suas observações, o autor tinha a intenção de construir: “Uma história vibrante, (...) história fria, analisada com bisturi analítico (...). Esse conjunto de observações e de análises devia ter um mérito: modificar, melhorar e unir.”<sup>8</sup> Assim, sua escrita transformaria o povo paranaense, a massa amorfa representada por esse povo, em um composto definido e definitivo, especial: modificar, melhorar e unir o povo em um ideal de verdade, ordem e justiça.

Davi Carneiro tinha um grande apego às verdades eternas, ou seja, para ele a história tinha de ser escrita sempre tendendo à verdade, a sangue-frio, objetiva e neutra, a denominada história do “bisturi analítico”. Desta maneira, para Carlo Bússola, os positivistas acreditavam que: “Positivo é aquilo que é real, que pode ser provado com o microscópio ou com o telescópio, enfim, cientificamente. Ciência torna-se uma palavra mágica, é este mito que sobrevive até hoje no culto dos valores materiais, visíveis, tangíveis, com desdoso e até desprezo pelos valores invisíveis, intangíveis.”<sup>9</sup>

É desta maneira que os positivistas irão desprezar a visão metafísica, acreditando que esta seria pensamentos alienados da realidade, puramente fantasias e abstrações filosóficas, ao contrário do que almejavam, ou seja, ciência em sua forma mais prática, racional. Da mesma maneira, os românticos também negavam a metafísica em detrimento de uma outra perspectiva de sociedade, considerada por eles como mais “real”. Assim: “(...) o movimento romântico efetua uma descida na escala metafísica, aproximando-se, ainda que por cima, idealisticamente, do mundo das ‘realidades’ no espaço e no tempo.”<sup>10</sup> E, considerando a obra de Davi Carneiro uma espécie de foco convergente destas duas filosofias (positivismo e romantismo), é necessário mencionar que, para ele: “(...) devemos comprovar a realidade como ela é, e não metafisicamente sonhar com o que pudesse ser; segundo estas ou aquelas circunstâncias contingentes.”<sup>11</sup>

Davi Carneiro, como positivista, também acreditava

que a sociedade seria regida por leis constantes. Em sua opinião: “De fato, qualquer homem, como ser social, está subordinado ao meio em que vive (e que sobre ele influi) pelas impressões objetivas, pelo clima, pela alimentação (...) que lhe dá educação, desde logo cultura, formação anímica moral, compreensão intelectual e preferências estéticas (...)”<sup>12</sup> Pode-se perceber que para Davi Carneiro a índole é algo a ser decidida pelo meio físico e natural. Para ele, as maneiras de agir do paranaense, seus costumes, tradições e desenvolvimento intelectual, moral e também material dependeriam muito do meio, do *habitat*.

Romário Martins, assim como outros autores de sua época, a exemplo do próprio Davi Carneiro, também acreditava que o meio físico moldaria a sociedade, ou seja, pensava ele, que os homens estavam fadados a obedecerem a natureza. Para este autor, o meio físico exercia influências decisivas sobre os destinos da sociedade paranaense. Em sua concepção, a natureza teria papel fundamental enquanto possibilitadora da vida, da organização humana e de seu conseqüente desenvolvimento e evolução: “O campo e a floresta, não somente decidiram nossa existência como nossa índole. O clima, este é indiscutível fator. Como modificador dos tipos étnicos, notadamente os exóticos, facilitando-lhes ou não a adaptação e, assim, influenciando no desenvolvimento histórico.”<sup>13</sup>

A concepção de evolução da sociedade propagada pelo positivismo se faz muito presente no ideário dos pensadores brasileiros. Neste sentido, é interessante observar na narrativa de Davi Carneiro a grande importância que este dá ao trabalho enquanto fator que faz o homem evoluir, melhorar. E o trabalho tanto material, quanto intelectual (das letras) surge como um remédio para o retraimento material e moral, vistos pelo autor como doenças. Deste modo, a inferioridade é percebida como uma doença e precisa ser combatida com o esforço no sentido de acumular bens (trabalho material) e no sentido de acumular saber (trabalho intelectual). Assim, segundo Davi Carneiro:

(...) para esse mal [a inferioridade] não há remédio. Há ainda, isso sim, a esperança no contra-veneno: o trabalho fecundo tanto no terreno material como, sobretudo no intelectual e no moral. Trabalhar para produzir riqueza coletiva; trabalhar para produzir, arte ou ciência, observação fecunda ou erudição proveitosa; trabalhar para produzir sobretudo uma maior virtude em todos os homens, uma melhor conduta em cada ser humano, afastando-os dos vícios e levando-o ao caminho reto por onde se ascende a felicidade.<sup>14</sup>

Como se percebe, na narrativa de Davi Carneiro o trabalho material, intelectual e moral é que levariam ao desenvolvimento, à evolução da sociedade. Assim, parte-se do pressuposto de que para alcançar seu destino de glória o paranaense teria de se intelectualizar, desenvolvendo-se moralmente para tornarem-se melhores pessoas, livres de vícios, pessoas corretas que seguem o caminho reto, o caminho verdadeiramente cristão. Este ideal trabalhista estava

<sup>7</sup>COMTE, August. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo : Abril Cultural, 1973, p. 39.

<sup>8</sup>CARNEIRO, Davi. op cit. p.04.

<sup>9</sup>BUSSOLA, Carlo. “O positivismo”. In: OLIVEIRA, Admarco Serafim de. [org.] *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo : Loyola, 1993, p. 54.

<sup>10</sup>GUINSBURG, Jacó “Romantismo, historicismo e História”. In: GUINSBURG, Jacó. *O Romantismo*. São Paulo Perspectiva, 1993, p.16

<sup>11</sup>CARNEIRO, Davi. Op. cit. p. 9.

<sup>12</sup>idem, p. 35.

<sup>13</sup>MARTINS, Romário. op. cit. p. 04

<sup>14</sup>CARNEIRO, Davi. op. cit., p.18.

muito presente na época em que estes autores publicaram suas obras, e mais especificamente nos anos 1930 e 1940:

De volta para os anos 30, é preciso observar como o amplo projeto de reordenamento da sociedade: o corporativismo, se apóia inteiramente na imagem de organicidade do corpo humano. As partes que compõe a sociedade foram pensadas tal como o relacionamento dos órgãos do corpo humano: integralmente e sem contradições. (...) O que mais choca é o endereçamento religioso que esse tratamento recebe. Modelado para o trabalho, o corpo é disposto valorativamente enquanto oblação litúrgica; cada cidadão é convidado a dar a sua vida verter seu sangue para a salvação do corpo maior da pátria, se necessário.<sup>15</sup>

Assim, através do trabalho, pode-se-ia estabelecer uma sociedade ideal, que funcionasse de modo perfeito, organicamente, tal como um corpo sadio, sem doenças. Em relação aos anos de 1930 e à questão do trabalho, é interessante verificar de que maneira isso se relacionava com a moralidade religiosa cristã. Essa sociedade funcional era reconhecida pelos autores paranaenses como o modelo ideal para a sociedade do Paraná, sem conflitos sociais de qualquer espécie, sem qualquer mazela ou defeito que pudesse servir de obstáculo para a obtenção da evolução e do progresso, tão almejados por estes autores. Um Estado em que as pessoas, no caso os paranaenses, fossem dispostas ao trabalho e ligadas a uma concepção cristã de religiosidade. Assim, o corpo social paranaense, deveria ser composto por trabalhadores ordeiros e cristãos.

Alcir Lenharo acredita que a imagem do corpo humano funcionaria como um padrão para a organização do Estado e conseqüentemente para o bom funcionamento deste corpo social. Assim, temos, por exemplo, a nação representada como o todo, o corpo completo, composto de partes, os Estados, municípios, comunidades e indivíduos. Cada uma destas partes, nesta visão organicista, seria responsável pelo bom funcionamento do todo, uma maneira de quem sabe legitimar uma certa organização social estabelecida em hierarquias e de conceber um território livre de qualquer conflito social ou desordem, em que cada um teria de trabalhar para o bem de todos. Para Lenharo:

(...) a utilização alegórica de uma imagem exaustivamente empregada no discurso político, por sinal muito cara ao imaginário do cristianismo, desde seus primórdios: o corpo. A nação, por exemplo, é associada a uma totalidade orgânica, à imagem do corpo uno, indivisível e harmônico; O estado também acompanha essa descrição, suas partes funcionam como órgãos de um corpo tecnicamente integrado; o território nacional, por sua vez, é apresentado como um corpo que cresce, expande, amadurece (...)<sup>16</sup>

Contudo, o trabalho era apenas uma das maneiras de fazer evoluir o Estado do Paraná. Na concepção de Davi Carneiro, por exemplo, a educação proposta de maneira racional, científica, também seria um fator importante para a melhora da sociedade paranaense. Assim, através das escolas, os paranaenses saberiam do projeto de elevação moral do Paraná. Deste modo, para o autor: *“Falta que a população toda saiba disso [da grandeza do Paraná]. Falta que propulemos pelas escolas; que ensinemos essas*

*tradições; que as elevemos e respeitemos como culto sagrado!... depois, tendo a alfabetização como veículo, tudo virá a seu tempo.”*<sup>17</sup>

Na opinião deste, era necessário, portanto, respeitar as tradições paranaenses como um culto sagrado, algo sacro, divino, que levaria a elevação da alma, ao progresso do espírito e do corpo social do Paraná. O progresso viria com a pedagogia religiosa, através da crença e da fé. Pode-se perceber que não há nestes discursos uma separação assim tão drástica entre a ciência que leva ao futuro e a crença em um futuro melhor advinda da religiosidade. A educação é vista como um veículo civilizador, redentora dos males e pecados, servindo para melhorar as pessoas e para uni-las em um ideal: um ideal de estado moderno e cristão. Nesta perspectiva: *“É indispensável mais leitura, mais estudos, mais pesquisas construtivas para que depois da unidade em torno da nacionalidade todos percebam, também, a importância enorme da tradição local para influência política.”*<sup>18</sup> Então, assim como trabalhar, o educar também é compor o corpo do Estado-nação paranaense. A educação é, portanto, uma das partes que formam o corpo social do Paraná, um dos membros que compõe este Estado ideal.

E além do trabalho e da educação, a religiosidade também é um dos elementos que compõe o Estado do Paraná. Segundo Davi Carneiro, o paranaense era o representante do verdadeiro catolicismo. O paranaense é visto como um povo muito tolerante, que admitia opiniões contrárias as suas, assim como os primeiros católicos, na visão do autor. O paranaense seria um povo parecido com os primeiros cristãos: perseguidos por todos e que sabiam desculpar os erros e pecados alheios. O povo que estava no caminho reto, da paz e da redenção, um povo escolhido para espalhar a boa nova para a humanidade, sem dúvida, um povo evoluído. Assim para Davi Carneiro: *“Não são eles [os paranaenses] que discutem, nem eles mostram os seus ódios. Ao contrário: ao seu redor todos têm impressão de que o verdadeiro catolicismo seria capaz de reviver, tal é a sua tolerância em face dos erros humanos e dos pecados da carne.”*<sup>19</sup>

Para Davi Carneiro a religiosidade é uma característica de inteligência, principalmente a religiosidade praticada de maneira não excessiva, moderada. Desta maneira:

Encarando a religiosidade do paranaense, temos a impressão de que nosso povo é cético em sua maioria, o que mostra desenvolvida inteligência. Mas o ceticismo é por aqui, pacífico e contemplativo. O fervor excessivo é estúpido e o paranaense vê claro. As famílias seguem as tradições católicas com disciplina esclarecida, e sem intransigências demonstrativas de inferioridade mental. É que todos sabem raciocinar.<sup>20</sup>

Portanto, o paranaense é mais inteligente do que os demais brasileiros porque pratica o catolicismo de maneira racional. Ter uma fé e praticá-la com bom senso é, para este autor, marca de ser civilizado. Ao contrário, ter uma religião e exercê-la de modo fervoroso é marca de estupidez, de irracionalidade e de inferioridade. O autor não nega a importância da religiosidade, e tão simplesmente combate a

<sup>15</sup>LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. São Paulo : Papyrus, 1986, p. 18.

<sup>16</sup>Idem, ibidem p.16-17.

<sup>17</sup>CARNEIRO, op. cit., p. 28

<sup>18</sup>idem, ibidem, p.107

<sup>19</sup>Idem, ibidem p. 21

<sup>20</sup>idem, ibidem, p.22

idéia do fanatismo religioso.

Esta questão da religiosidade praticada de modo racional está presente também na análise de Romário Martins sobre o fim do grupo religioso de José Maria na região do Contestado. Romário Martins acredita que o fim do grupo veio a beneficiar esta população, pois de certa maneira, representou o fim da prática religiosa não racional, de falsos ídolos, do fanatismo. Desta maneira:

Hoje a situação da zona sertaneja, em grande parte incorporada na vida de municípios prósperos, garante a estabilidade da ordem e a evolução sistemática do seu desenvolvimento. A autoridade política e a escola, disseminadas pelos bairros mais distantes, no interior dos dois estados limítrofes [Paraná e Santa Catarina], asseguram e incitam a civilização, onde naquela época surtia uma população ignorante e fanática e por isso mesmo capaz dos mais absurdos desastinos.<sup>21</sup>

O fim do grupo, segundo o autor, trouxe um maior desenvolvimento e maior civilização para a região do Contestado, disseminada, principalmente pela escola e pela autoridade política, que serviam como meios de civilização na visão de Romário Martins. A religião praticada de modo irracional não é adequada para a população, e acreditar em falsos deuses seria sinal de inferioridade.

Uma questão importante de ser ressaltada é que apesar de estes autores serem positivistas, não deixam de mencionar a religião como um fator muito importante para a sociedade paranaense, não negam a importância do catolicismo praticado pela maioria das pessoas do Paraná, da disciplinarização desta doutrina, da questão da moralidade que os católicos seguem, dos benefícios desta prática religiosa para o conjunto da sociedade. Ao contrário os autores a apontam como um fator gerador de desenvolvimento, de evolução. Um Estado moderno, superior, melhor que os demais, tinha de ter uma religião também superior, uma religião que melhorasse as pessoas, que as fizessem conceber como melhores, como mais evoluídas, uma religião para doutrinar corpos e mentes na intenção de construir um Estado evoluído.

Através da narrativa de Romário Martins pode-se perceber que a concepção de grandeza e superioridade do Paraná vinha desde as antigas reduções jesuíticas. Para este autor as ruínas destas construções religiosas representavam um símbolo de prosperidade. Elas tinham o significado de mostrarem um passado glorioso e um futuro também próspero para o Paraná. Desta forma, para o autor: “*O miliciano curitibano, (...) já poderia ter vislumbrado nos esbarrondados muros dos templos e dos moinhos de Vila Rica, a alma cívica de sua pátria ainda uma vez triunfante nos imensos sertões de Guairá.*”<sup>22</sup> E ainda: “*(...) o sistema conseguiu colimar os esperados êxitos, e hoje ainda, as ruínas dos templos triunfais aí atestam a vastidão e a beleza das conquistas da fé e da civilização.*”<sup>23</sup> Verifica-se que para Romário Martins as ruínas dos templos serviriam como um monumento cívico, em que estavam presentes ideais nacionalistas, de proteção à nação. A descrição do autor mostra uma edificação de arquitetura triunfante, de pujança, os muros e moinhos que resistem a ação do tempo. E assim

como a arquitetura jesuítica, a nação também haveria de ser grande e pujante.

Para Romário Martins as fundações jesuíticas foram um símbolo de desenvolvimento e ordem baseado na fé cristã. Para o autor, foram obras civilizadoras no sertão paranaense para a conversão dos indígenas, dos selvagens, obras de serviço à nação e a civilização, obras de mestres, um símbolo do mundo perfeito, completo e exemplar que se queria para o Paraná. Deste modo, na opinião de Romário Martins: “*A história das fundações indo-cristãs levadas a efeito por missionários da Companhia de Jesus na província de Guairá constituiu o magistral esboço do sistema, novo então em todo o mundo, adotado pelos jesuítas para a conversão e civilização dos indígenas*”<sup>24</sup> e continua: “*A obra delineada no sertão paranaense e concluída na pampa do Rio Grande representa uma página de relevo e brilho na história americana, escrita em esplêndidas realidades pelos insígnies missionários da Companhia de Jesus.*”<sup>25</sup> As fundações jesuíticas, desta maneira, seriam um modelo perfeito a ser seguido para civilizar. As reduções são vistas por Romário Martins como algo que realmente funciona, que chega a um resultado, que progride, prospera e que civiliza.

Deste modo, o autor descreve de modo enaltecendor as reduções jesuíticas, e segundo ele a perfeição de tais construções civilizadoras somente poderiam ser fruto de mentes superiores, assim para ele:

Os episódios de que se viu cercada essa formidável empresa de superior idealismo religioso, rematados pela conquista bandeirante vinte anos após, não permitiram aos seus insígnies realizadores os êxitos que depois, nas Missões meridionais do Uruguai, tiveram como justo prêmio de inenarráveis devotamentos e sobre-humanos sacrifícios, embora ainda tivessem sido novamente, por epílogo, a guerra e a destruição.<sup>26</sup>

Da mesma maneira que Romário Martins, Manuel Carrão também acreditava que as reduções foram um exemplo de grande civilização que serviam como parâmetro para a construção do Paraná moderno. O autor olha o passado para construir um Estado do futuro. As ruínas simbolizam as glórias, o magnífico que o Paraná teria de ser. O vir-a-ser paranaense estava fundamentado nas antigas ruínas dos jesuítas. O importante é que as ruínas que o autor cita como exemplo daquela civilização passada são as escolas e a igreja: a educação e a religiosidade que atestam o progresso vindo daquelas reduções, alguns dos elementos civilizadores já elencados anteriormente. O jesuíta neste sentido, para Manuel Carrão serve como norteador, como ponto de referência. Sua intelectualidade, racionalidade esta por detrás das reduções.

Deste modo, os indígenas, por serem incivilizados, ou em processo de civilização, precisavam de uma organização racional por parte de pessoas mais evoluídas, como, no caso, os jesuítas, representantes da racionalidade e da modernidade no sertão paranaense durante os séculos XVII e XVIII. Neste sentido:

Com a expulsão dos jesuítas, foi posto término a tais aldeamentos, onde se manifestou uma civilização brilhante, que até hoje nos causa admiração, através das ruínas que lá estão, de templos,

<sup>21</sup> MARTINS, Romário. op. cit., p. 320

<sup>22</sup> idem, ibidem, p.65

<sup>23</sup> idem, ibidem, p. 79

<sup>24</sup> idem, ibidem, p.78

<sup>25</sup> idem, ibidem., p.79

<sup>26</sup> idem, ibidem, p.78

escolas e outros edifícios que atestam eloqüentemente o grau de progresso que tinham alcançado os nativos, nordeados pelo elemento jesuíta (...) [as reduções] prendem a atenção do visitante ávido de curiosidades, pelos vestígios que ainda conserva da época dos aldeamentos jesuíticos, podendo ali se admirar as ruínas das obras executadas pelos missionários. O itinerante queda-se surpreso ao contemplar os restos daquela civilização adiantada, ao imaginar como os constructores dos edifícios ruinosos, teriam conseguido erguer a grande altura, sem o maquinário moderno, pedras de dimensões descomuns.<sup>27</sup>

Assim, os padres da Companhia de Jesus que trabalhavam em seus encargos civilizadores eram superiores aos indígenas, ou seja, mais desenvolvidos intelectualmente e moralmente, tinham mais conhecimento. Tem-se aí a idéia de evolução da sociedade oriunda do conhecimento, a evolução desta forma viria com o saber. Os padres representavam, deste modo, a sabedoria no sertão paranaense. Para o autor a inteligência seria aproveitar o braço indígena. Portanto, a intelectualidade dos jesuítas e o trabalho braçal dos indígenas seriam os possibilitadores do desenvolvimento das missões jesuíticas: trabalho profícuo por parte dos indígenas e a racionalidade cristã dos jesuítas. Assim: “*Os estabelecimentos fundados pelos jesuítas, que souberam se aproveitar, com inteligência do braço autochtone, prosperaram exuberantemente.*”<sup>28</sup>

O Paraná deveria ser, portanto, uma grande e absoluta redução jesuítica, regida pelas mesmas leis de conduta que regulamentavam estas construções religiosas dos padres católicos. Nesse sentido, estes autores convertem o Paraná em um *nomos*. Para Peter Berger, a designação *nomos* é atribuída a um todo regido por leis que se responsabilizariam pela manutenção da ordem social. E um exemplo de *nomos*, salientado pelo próprio Berger é o representado pela religião. O *nomos*, inclusive o religioso, funcionaria, na concepção do autor, como um nomeador da sociedade, tendo o poder ontológico de definir o que é e também o que não é. Nesse sentido, para Berger: “*(...) vivir em un mundo social és vivir una ordenada y llena de sentido. La sociedad es la guardiana del orden y del sentido de la vida, no solo objetivamente a través de sus estructuras institucionales, sino también subjetivamente, en la estructuración de las conciencias individuales.*”<sup>29</sup>

Assim, a religiosidade é vista por Peter Berger com um instrumento nômico para a sociedade evadir-se do caos, através do estabelecimento de leis religiosas. Assim, a religiosidade desejada pelos autores paranaenses, ligada, sobretudo a um ideal jesuíta de religiosidade, é uma forma de *nomos*, já que, estes autores buscavam em suas obras nomear, classificar e moralizar, apontando o certo e o errado para o Estado e sua população e também pelas tentativas de manter uma ordem para que assim a sociedade paranaense pudesse seguir seu caminho de progresso e evolução.

Uma questão bastante freqüente na obra de Romário Martins é a concepção de evolução baseada no pensamento religioso. Assim, para o autor, nos primórdios, indicado pelas palavras no pretérito, a crença dos indígenas não ia além de superstição, de crendice e de fanatismo, ou seja, uma forma

de religião pouco desenvolvida. Mas, com o contato com os jesuítas, os indígenas tomam conhecimento desta forma mais evoluída do pensamento, que é o catolicismo. Assim, os jesuítas e sua religiosidade são vistas como formas superiores de religião, e servem de medida para fazer evoluir outros povos, como, por exemplo, os indígenas. Assim, para ele:

Nos nossos índios, a crença no sobrenatural assumia formas de superstição sem dúvida grosseiras e rudes quase sempre, e nem sempre podia ser de outra maneira. Mas essas formas já eram os primeiros clarões de alvorada de um espírito religioso em marcha para uma moral mais alta e já nesse sentido encaminhava, como demonstra a facilidade com que compreenderam, os Guaranis, do sul, principalmente, os ensinamentos dos missionários jesuítas na sua gloriosa cruzada redimidora.<sup>30</sup>

Domingos Nascimento também trata em sua narrativa dos diferentes graus de civilização dos indígenas paranaenses, medido pela relação que estes estabelecem com a religiosidade cristã, assim, segundo o autor, no limite do Estado do Paraná e Santa Catarina, na serra do Espigão, no sertão impenetrável, encontram-se dois extremos: os botocudos que servem de exemplo de incivilização e os guaranis e coroados, que são considerados civilizados. Assim para o autor:

No interior da serra do Espigão, que limita os dois Estados vizinhos [Paraná e Santa Catarina], há um alto morro chamado Tayo, em pleno sertão impenetrável, em cujos arredores habita essa grande tribo, infelizmente de uma ferocidade implacável, até o presente refractaria a civilização. E tanto é assim, que viajando eu, como demonstrei adeante, por sertões invios e inhóspitos, sem sombras de catechese, encontrei numerosos toldos de índios mansos pelas picadas, guaranis e coroados, e que somente com a passagem de um ou outro viandante que se destina a foz do Iguassú, ou a fronteira rio-grandense, vão se civilizando naturalmente, descendo para as estradas, colônias e rios mais próximos, barganhando as suas ainda que muito limitadas mercadorias.<sup>31</sup>

Segundo o autor, os botocudos são incivilizados porque não aceitaram a palavra de Deus e ignoraram qualquer forma de organização religiosa. A cruz simbolicamente representa a religiosidade cristã, e esta aparece na narrativa de Domingos Nascimento como símbolo da redenção, da salvação. Assim, a civilização do indígena viria somente com o contato deste com o homem branco. E após a modernização do sertão o índio não teria mais como escapar de seu destino, ou seja, tornar-se como os demais povos civilizados, integrar-se à pátria. Assim, todos os paranaenses deveriam ser iguais no que diz respeito às suas virtudes, o mesmo grau de civilização, de evolução, pessoas que seguem o mesmo caminho de progresso: “*Parece-me, assim, que somente depois de povoado regularmente esse sertão, abertas estradas por diversos pontos, é que o índio, acochado pelas necessidades, encurralado em estreitos limites terá de submeter-se à lei da evolução do progresso e virá então ocupar o lugar que lhe está destinado no seio da pátria commum.*”<sup>32</sup>

Então, nestes discursos, verifica-se, ainda que de maneira indireta, a presença de três conceitos diferentes: moral religiosa, positivismo e trabalhismo. Para Michel de Certeau, o discurso permite a fundição de diferentes conceitos,

<sup>27</sup>CARRAO, op. cit., p.43

<sup>28</sup>idem. ibidem., p.28

<sup>29</sup>BERGER, Peter. *Para una teoria sociológica de la religión*. Barcelona : Kaiós, 1971, p. 40.

<sup>30</sup>MARTINS, Romário. op. cit p. 126-127

<sup>31</sup>NASCIMENTO, op. cit., p.16

<sup>32</sup>idem, ibidem, p.18

tanto que em sua perspectiva: “(...) os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo. (...) esses elementos heterogêneos, ou até contrários às vezes, preenchem a forma homogênea do relato. (...) As relíquias verbais de que compõe o relato, ligadas à histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem (...).”<sup>33</sup> Assim, para Certeau, o relato é uma espécie de “patchwork”, em que, ao invés de tecidos e costuras, juntam-se e organizam-se palavras, conceitos, frases e verbos, ou como diz o historiador francês, as chamadas “reliíquias verbais”, que no caso dos autores aqui mencionados, são os já citados conceitos que permeiam toda a sua narrativa, ora de modo mais claro ora de modo mais indireto.

Uma outra situação que também se faz presente nestes discursos diz respeito às influências da filosofia romântica, principalmente em relação às obras de Manuel Carrão e Domingos Nascimento. Em relação à narrativa de Manuel Carrão, mais especificamente sobre suas considerações a respeito do rio Paraná, é notável sua admiração, pois para ele: “*De raro encanto se reveste a viagem no Rio Paraná. Os panoramas de invulgar beleza se sucedem, empolgando a nossa visão. São telas ao natural que maravilham a retina do visitante, nella se gravando indelevelmente as esplendentes paisagens.*”<sup>34</sup> e ainda: “*E ao chegarmos a barranca do rio, a nossa impressão foi a mais extraordinária possível. Não temos expressão que possam descrever nossa admiração diante daquella magnificente quadro da Natureza.*”<sup>35</sup> Ao analisar a narrativa do autor, pode-se observar que esta viagem, em sua opinião, teria algo de única. Neste sentido, o rio não poderia ser comparado a nenhum outro lugar conhecido, mas sim, tão somente à pinturas e telas, fato este que o caracteriza como uma verdadeira obra de arte da natureza, um lugar especial e de certa forma místico.

Entende-se que a narrativa de Manuel Carrão apresenta semelhanças com as narrativas de alguns expedicionários europeus que percorreram a América do Sul no século XIX, e que por sua vez, eram depositários desta perspectiva romântica de sociedade. Um exemplo do romantismo em narrativas de viagens está nas obras de Alexander von Humboldt sobre a natureza americana. Assim, temos em relação à narrativa humboldtiana: “(...) Alexander von Humboldt reinventou a América do Sul antes de tudo enquanto natureza (...) uma natureza dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e inteligência humanos. (...)”<sup>36</sup>

Percebe-se que a narrativa de Manuel Carrão assim como a de seus contemporâneos, institui-se numa espécie de ponto de convergência entre o pensamento romântico, principalmente de características humboldtianas e também de uma determinada filosofia de caráter positivista. Assim, estes discursos catalisam os detritos que Certeau mencionava, ou seja, configuram-se em uma seqüência de recortes e de colagens, uma atividade artesanal.

Do mesmo modo que para Manuel Carrão e Humboldt, as matas paranaenses são descritas por Nascimento como inacessíveis, são as “pesadas selvas” que ele trata em seu texto. A natureza aparece como intransponível, e o homem perde-se em sua imensidão verde, desaparece diante de sua

força. Assim, é salutar destacar que nas narrativas de Carrão e Nascimento, sendo estes, herdeiros desta visão romântica de natureza, oriunda, por exemplo, de Humboldt, muito pouco ou quase nada se menciona a respeito das relações sociais estabelecidas no interior paranaense, o homem não tem voz e apenas a natureza fala.

Desta forma, muitas vezes estes autores encaravam a natureza paranaense também como um fator da superioridade do Estado, tentando percebê-la enquanto um dos membros que comporiam o corpo superior almejado em relação ao Paraná. Assim, o Estado não se faria moderno e moralizado somente por causa de sua população civilizada ou por suas instituições superiores, devendo também, contar com uma natureza singularmente especial. Pode-se perceber isso e Manuel Carrão:

Eu creio que dos píncaros de nossos cerros será possível descobrir toda essa grandeza descommunal com que a natureza nos brindou: o que de valles mais extensos e feraes; o que de cordilheiras mais grandiosas; o que de campanha mais vastas; o que de sertões mais sombrios e profundos; o que de habitações mais pittoresca; o que de rios mais brilhantes, serpeando os campos, as florestas, as serranias, os povoados.<sup>37</sup>

Numa tentativa de esmiuçar a narrativa do autor, percebe-se que para ele, os paranaenses somente se darão conta da gratidão da natureza para com eles, quando as altas montanhas forem escaladas, ou seja, pode-se perceber que o autor utiliza-se de uma linguagem metafórica para dizer que o paranaense precisara evoluir para assim poder vislumbrar toda sua riqueza, e toda sua pujança em relação aos demais, quando estiver em um patamar superior aos outros brasileiros. Além disso, em suas referências à cidade de Ponta Grossa este escreve que:

E, partindo de Curitiba, pela Estrada de Ferro do Paraná, após um percurso de 183 kilometros [até Ponta Grossa], através de curvas caprichosas que o monstro, com pulmões de aço, o percorre em 5 ½ horas, entre campos suavemente ondulados e extensos, se descortina ao longe e ao cimo de majestosa collina verdejante, um núcleo de manchas brancas, levemente matizadas de negro, destacando-se pela sua altura, o zimbório de uma Igreja, cuja cruz, como um symbolo de paz e de amor, ergue seus braços para a immensidade infinita do azul.<sup>38</sup>

Assim, a natureza é freqüentemente representada por Manuel Carrão com exuberância, algo que lhe chama a atenção. Além disso, em sua descrição da cidade de Ponta Grossa a primeira imagem que lhe surge é a igreja, que como se percebe, merece lugar de destaque. E, para o autor, a cruz da igreja funciona como um símbolo de paz e harmonia para a cidade. Este símbolo cristão, também é personificado na narrativa, pois seu “braço” está indicando o céu.

O autor, em sua volta para a capital, revela que sente um tanto perturbado o espírito por lembrar dos despenhadeiros enfrentados nas matas e florestas do interior paranaense. Ele refere-se ao espírito como uma força que perturba-se ao relembrar os perigos e ameaças sofridas pelo corpo. O espírito, a alma e o corpo sentem-se ameaçados pelos perigos naturais do Paraná, tanto que os lugares para onde o autor viaja, especialmente os que mais trazem

<sup>33</sup>CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis : Vozes, 2000, p. 188.

<sup>34</sup>CARRÃO, Manuel. op. cit., p.42

<sup>35</sup>Idem, ibidem., p.54

<sup>36</sup>PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo : Edusc, 1999, p.212

<sup>37</sup>CARRÃO, op. cit. p.58

<sup>38</sup>Idem, ibidem, p. 06

perigos, como as matas fechadas são denominadas por ele como “paraíso do assombro”. O Paraná não deixa de ser visto como um lugar paradisíaco, um lugar especial, mas este paraíso não é somente um paraíso magnífico, é também amedrontador. O autor parece sentir medo do que viu. Há ainda a menção às cataratas do rio Iguaçu, como um lugar infernal, de barulhos ininterruptos, que amedronta quem não a conhece. Assim: “*Hoje que me encontro de volta, sinto ainda um que de vago e enervante, quando pelo meu espírito esvoa a série ininterrupta de abysmos a alcantis que ousei transpor, para vencer esses longos caminhos que vão dar ao Paraíso do Assombro, com todas as suas tintas fortes de poentes rubros, com toda essa infernal orchestra de lenções d’água se precipitando estranhamente horrisonos.*”<sup>39</sup>

Portanto, as matas do interior do Paraná são representadas por Domingos Nascimento como um lugar sombrio, escuro. A campanha, a planície aparece como um local de serenidade, de capricho. O autor parece amedrontado diante das selvas e elogia constantemente as regiões de planície, como se estas fossem um lugar de sol e não de escuridão, como as matas fechadas, lugar de Deus e não das trevas. No dualismo entre bem e mal o sertão aparece como um lugar de ambigüidade. Assim, para o autor:

Depois do sombrio e asphixiante das selvas, depois dos passos perigosíssimos, dos rios a vadear, depois das montanhas fortes de espigões escorregadios nos declives, depois das picadas cobertas de lama e caldeirões tenebrosos e infectos, a serena e plácida campanha a perder de vista, com os seus horizontes de um azul tênue, recortes caprichosos de longas restingas que se envolvem por zig-zags, coxilhas escalvadas que se erguem, como que se amontoam, se justapõe e se desmancham em plainos sucessivos a proporção que o cavalheiro dellas se aproxima.<sup>40</sup>

Apesar de o autor parecer preferir o descampado às matas fechadas, por vezes, ele refere-se à floresta como um local especial. Na realidade, ele parece um pouco dividido entre as matas e os descampados, ora prefere um, ora o outro. Deste modo para Domingos Nascimento:

Prefiro as selvas, com os seus imprevistos e o seu grande silencio, com seus perigos e as suas peripécias; amo a natureza selvagem, grandiosa e empolgante. (...) As claridades offuscam, os poentes consolam. (...) Em meio das selvas que parecem intermináveis, uma clareira de campo era para mim um conforto. (...) Ahi o reverso da medalha pessimista: o emmaranhamento das florestas era a escravidão, o cárcere; a amplitude dos campos a liberdade levada ate a tolerância.<sup>41</sup>

Prova de sua visão dualista de mundo e muitas vezes um tanto ambígua de natureza, é que apesar de dizer preferir as selvas ao descampado devido à grandiosidade e empolgação que causa no viajante, retrata estas mesmas matas fechadas como lugares da escravidão, de suplícios, enquanto as clareiras são a liberdade.

Em sua narrativa, Domingos Nascimento narra sua surpresa ao se deparar em pleno sertão (serras próximas a Guarapuava) com uma cruz no meio da floresta. Desta maneira para Domingos Nascimento:

Entre os Kilometros 98-99 deparei com um grosso toro de pinheiro,

em cuja secção estava inscripta essa data: 3-9-1902. Continuum as florestas. Mais adiante, Kilometros 106-107, a beira da estrada levanta-se uma singela cruz dentro de um tosco cercado. (...) Como aquella inscripção e este symbolo, sempre o anonymo assignalando os mysterios da vida. Ali, uma inscripção lacônica e mais nada, aqui, uma cruz erguida no silencio da selva. (...) aquella cruz, o - o menos um- dentre estes operários anônimos que ali se acham aplainando a terra para que os nossos pés não se firam nos pedregulhos do caminho, destruindo as mattas marginaes para que as nossas roupas não fiquem em frangalhos, abrindo, enfim, num trabalho titânico de sol a sol, larguezas para o decantado carro da civilização. (...) E a cruz ali plantada a beira do caminho esta dizendo ao viajor que passa toda uma história de dedicação ao serviço, daquelle que ali cahira sobre o próprio leito que os seus músculos abriram.<sup>42</sup>

Na concepção de Domingos Nascimento, a cruz é vista como o sinal dos mistérios da vida no distante sertão. A inscrição é breve e deixa curiosidades, o “menos um” tem a ver com a morte: menos uma pessoa. A cruz serve para lembrar do trabalho, o trabalho de construção de estradas, o trabalho de levar o progresso a regiões incivilizadas, levar a evolução. E estradas são sinônimo de evolução, de desenvolvimento. Desta maneira, cruz, estradas e trabalho unem-se para a obtenção de um Estado mais moderno e moralizado. Alcir Lenharo, utilizando Jung para estabelecer o que vem a simbolizar a cruz para o cristianismo, revela:

Jung considera o símbolo da cruz um dos mais primitivos símbolos da ordem; a cruz significa a ordem em oposição ao desordenamento ou ao caótico da multidão amorfa, ela é uma forma que determina o ponto central do cruzamento de duas retas. Do ponto de vista psicológico, a cruz exerce a função de centro gerador da ordem. Se de um lado, a imagem da cruz associa-se à dor e a morte, de outro, ela também se manifesta como símbolo de iluminação. A tradição católica tem cultivado a passagem da dor e da morte, superada pelas luzes da ressurreição. E a ressurreição é, por excelência, a esperança confirmada da salvação eterna e da paz entre os homens.<sup>43</sup>

Desta maneira os homens que trabalhavam na construção das estradas e que sofriam as conseqüências deste trabalho árduo, viam na cruz, à beira da estrada, uma espécie de símbolo de esperança, de ressurreição divina. E pode-se, embasado nas palavras de Lenharo, configurar esta cruz presente na estrada do interior paranaense, como uma tentativa de manter a ordem dos trabalhadores, e em grande escala um símbolo para manter a ordem no Paraná. Ordem, progresso e uma determinada visão religiosa de sociedade, em que a cruz fosse um símbolo bastante perspicaz.

Ainda sobre a narrativa de Domingos Nascimento, este, ao narrar sua viagem pelo interior do estado afirma que: “*Na manhã do dia 20 enveredamos pelo verdadeiro sertão. Ao vê-lo extraordinariamente escuro, como impenetrável, é de gente benzer-se três vezes, por a sua alma bem juntinha do Creador; porque o corpo, esse vive constantemente suspenso à beira de sepulturas.*”<sup>44</sup> Para o narrador, o ato de benzer-se torna-se muito importante, pois é ele que permite ao explorador desenvolver sua viagem tranqüilamente, pelo menos assim, a alma está protegida. A alma que no cristianismo é vista como um bem humano dado por Deus. Já o corpo é percebido como algo naturalmente mais frágil podendo ficar à margem deste cuidado especial representado pela oração. Vê-se, portanto, na narrativa, uma característica

<sup>39</sup>NASCIMENTO, op. cit. s/ pg.

<sup>40</sup>Idem. ibidem, p.57

<sup>41</sup>idem, ibidem., p.70

<sup>42</sup>idem, ibidem, p.78

<sup>43</sup>LENHARO, Alcir. op. cit, p.172

<sup>44</sup>NASCIMENTO, op. cit., p. 84.

muito presente no cristianismo que é o dualismo corpo/alma.

O autor continua sua narrativa de viagem e mais uma vez refere-se à questão da alma e de sua tristeza diante do sertão, que para ele é definido como um local de tristeza, assombramento e medo. Os raios de luz, que trariam maior alegria à alma, não chegam ao sertão e, não há qualquer vestígio de luz na floresta, o que talvez deixe ainda mais triste a alma do narrador. A floresta, por sua imensidão, é comparada a uma catedral, uma catedral misteriosa e de silêncio, sem pessoas: “*Há 3 dias que andamos em pleno sertão, sem uma vivenda sequer pelo caminho, sem uma triste alma para saudar a variar a prosa. Uma verdadeira solidão essas paragens remotas. As florestas cada vez mais acumuladas, os caminhos cada vez mais horrorosos. Nem um raio de luz penetra essas amplas catedraes do silêncio e do mysterio.*”<sup>45</sup>

Em contrapartida a essa visão religiosa de natureza, Domingos Nascimento revela ainda uma concepção dicotômica da mesma, pois algumas vezes aparece em seu discurso uma perspectiva em que repousa uma certa visão não benéfica da natureza paranaense. Desta forma para o autor: “*Assim como enveredar a 20 de maio pelos sertões, propicio fôra benzer-se em penitência aos males que praticara na terra, assim também era o caso de fazer cruzeiros lá para trás, em fuga do purgatório.*”<sup>46</sup> O autor configura o sertão como o purgatório, lugar de aflição e de agonia: um lugar onde vagam as almas, que estão entre o céu e o inferno comparativamente entre o civilizado e o bárbaro. Mais uma vez aparece a noção de benzer-se, de proteção ao purgatório, a saída do sertão, o renascer, o ressuscitar, é voltar à capital, voltar à vida.

## Conclusão

Este artigo teve como um de seus principais objetivos tentar contar uma história, ou várias histórias e a partir disso, contornar uma certa visão da História, que concebe o positivismo como uma filosofia extremamente distanciada do pensamento religioso de caráter cristão. Nesse sentido, o que se buscou apresentar foi que, para além desta visão fragmentada de perceber o positivismo, existiu no Paraná, durante as primeiras décadas do século XX, uma convergência entre a filosofia positivista e esta forma de religiosidade.

Então, suplantando estas concepções generalizantes, é impossível negar de modo incisivo a presença de uma certa moralidade cristã nos escritos de Davi Carneiro, Romário Martins, Domingos Nascimento e Manuel Carrão. Inclusive, nas próprias raízes do positivismo, com Comte, estão presentes concepções religiosas, afinal, o segundo estágio de evolução da sociedade não era o religioso? E Comte não postulou uma religião positivista, denominada Igreja Positivista? A religiosidade é intrínseca ao positivismo.

Contudo, a problemática central não foi provar que o positivismo é religioso. Isso seria muito óbvio. O que se pretendeu evidenciar foi como a religiosidade cristã aparece nestes discursos, de um modo evolucionista e progressista, porque, lembrando, os autores analisados são reconhecidamente positivistas. Assim, estes discursos são pontos de convergência de uma série de concepções de mundo

e de sociedade: positivismo, cristianismo, romantismo, entre outros.

Desta maneira, pretendeu-se, ainda que brevemente, apresentar uma outra visão àquela historiografia tradicional, que entende o positivismo como algo à parte do cristianismo, engavetando-os, separando-os, sem perceber toda a complexidade desta discussão. Sem se dar conta que em um mesmo texto, inclusive neste, há uma série de filosofias, de concepções, de fusões e interações que o compõe. Porque o objeto de análise desta pesquisa, ou seja, a escrita da história, é uma colagem, uma montagem e não podemos generalizá-la.

## Referências

- BERGER, P. *Para una teoría sociológica de la religión*. Barcelona: Kaiós, 1971.
- BUSSOLA, C. O positivismo. In: OLIVEIRA, A. S. de. (Org.). *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Loyola, 1993.
- CARNEIRO, D. *História Psicológica do Paraná*. Curitiba: Tipografia J. Haupt, 1944.
- CARRÃO, M. *Impressões e viagem à Foz do Iguassu e Rio Paraná*. Curitiba: Faculdade de Medicina e Directoria de Saúde do Paraná, 1930.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COMTE, A. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- LENHARO, A. *Sacralização da Política*. São Paulo: Papyrus, 1986.
- MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos editores, 1995.
- NASCIMENTO, D. *Pela fronteira*. Curitiba: Tipografia da República, 1903.
- PRATT, M. L. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999.

<sup>45</sup>Idem, ibidem, p. 89

<sup>46</sup>idem, ibidem, p.177